

A alfabetização de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) no ensino comum

DOI: <https://doi.org/10.33871/23594381.2024.22.1.9111>

Sabrina Konkel¹, Elizabeth Regina Streisky de Farias²

Resumo: A presente pesquisa intitulada “A alfabetização de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) no ensino comum” é desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação Inclusiva – PROFEI da Universidade Estadual do Paraná-UNESPAR e está inserido na Linha de Pesquisa práticas e processos formativos de educadores para a educação inclusiva. O trabalho visa refletir sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas no processo de inclusão e alfabetização de alunos diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista, matriculados em escolas públicas, procurando assim compreender qual é o papel do professor no processo de inclusão e alfabetização. O interesse por esta pesquisa originou-se a partir de estudos e relatos vivenciados por docentes em conselhos de classes das escolas municipais de Paulo Frontin-PR no ano letivo de 2022, os quais na sua maioria apresentam dificuldade em flexibilizar o currículo e alterar a sua metodologia de atuação para dar o suporte necessário aos alunos com TEA. Esta pesquisa foi planejada em três etapas, a primeira consiste em uma pesquisa bibliográfica sobre o TEA e processo de alfabetização, a fim de fundamentar os estudos e aprimorar o conhecimento. A segunda diz respeito à pesquisa de campo, do tipo exploratória, por meio de uma entrevista semiestruturada aplicada aos professores da rede, a fim de identificar as concepções e desafios sobre o processo de inclusão e alfabetização. A terceira etapa trata da proposta formativa continuada, com foco no processo de inclusão na perspectiva da historiografia da educação. Tais ações buscam evidenciar as necessidades de flexibilizações no currículo para ampliar a autonomia, superar os déficits, para que novos conhecimentos sejam construídos com os alunos com TEA. Por tratar-se de um projeto em andamento, as etapas estão em pleno desenvolvimento. Com base nas informações obtidas até aqui pretende-se contribuir para práticas mais inclusivas no contexto escolar.

Palavras-chaves: Inclusão escolar, Alfabetização e letramento, Transtorno do Espectro do Autismo (TEA).

Literacy of students with Autism Spectrum Disorder (ASD) in regular education

Abstract: This research entitled “Literacy of students with Autism Spectrum Disorder (ASD) in common education” is developed within the scope of the Postgraduate Program in Inclusive Education – PROFEI of the State University of Paraná-UNESPAR and is inserted in the Line of Research practices and training processes for educators for inclusive education. The work aims to reflect on the pedagogical practices developed in the process of inclusion and literacy of students diagnosed with Autism Spectrum Disorder, enrolled in public schools, thus seeking to understand the role of the teacher in the process of inclusion and literacy. The interest in this research originated from studies and reports experienced by teachers in class councils of municipal schools in Paulo Frontin-PR in the 2022 school year, most of whom have difficulty in making the curriculum more flexible and changing its methodology of action to provide the necessary support to students with ASD. This research was planned in three stages, the first consists of bibliographical research on ASD and the literacy process, in order to base the studies and improve knowledge. The second concerns field research, of an exploratory type, through a semi-structured interview applied to teachers in the network, in order to identify the conceptions and challenges regarding the inclusion and literacy process. The third stage deals with the continued training

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Inclusiva UNESPAR Campus de Paranaguá. Professora da Rede Municipal de Educação de Paulo Frontin. ped.sabrina.k@gmail.com

² Elizabeth Regina Streisky de Farias. Doutora em Educação. Professora Adjunta da UNESPAR Campus de Paranaguá. Docente do PROFEI UNESPAR. elizabeth.farias@unespar.edu.br

proposal, focusing on the inclusion process from the perspective of the historiography of education. Such actions seek to highlight the need for flexibility in the curriculum to increase autonomy, overcome deficits, so that new knowledge is built in students with ASD. As this is an ongoing project, the stages are in full development. Based on the information obtained so far, it is intended to contribute to more inclusive practices in the school context.

Keywords: School inclusion, Literacy and literacy, Autism Spectrum Disorder (ASD).

Introdução

Esta pesquisa busca refletir sobre as concepções e as práticas pedagógicas do professor do ensino comum, no processo de alfabetização dos alunos com TEA nas escolas municipais dos anos iniciais do ensino fundamental de Paulo Frontin –PR

O autismo é uma condição que reflete alterações no neurodesenvolvimento de uma pessoa, determinando quadros muito distintos, mas que tem em comum um grande prejuízo na sociabilidade. Esse prejuízo, em grande medida, reflete no aprendizado e desenvolvimento do estudante no que diz respeito à apropriação do currículo.

Sabe-se que a garantia de acesso já existe, no entanto, o grande desafio é a qualidade de ensino em uma proposta de educação inclusiva, na qual assegure a permanência dos alunos inseridos nas classes regulares/comuns bem como a conclusão do processo de alfabetização na perspectiva do letramento.

É de fundamental importância nas escolas a flexibilização do currículo para ampliar a autonomia, superar os déficits, para que novos conhecimentos, sentimentos e evidências sejam desenvolvidos no aluno autista.

Para promover uma flexibilização curricular para alunos com TEA a escola e o docente devem conhecer o aluno e suas peculiaridades, para assim promover adaptações em seu espaço físico, procedimentos metodológicos e avaliativos, bem como na organização temporal, agrupamento na organização das atividades e reestruturação de conteúdo.

Sendo assim, esta pesquisa pretende colaborar para expandir o conhecimento sobre a alfabetização de alunos com TEA, contudo é fundamental a formação de profissionais da educação em uma perspectiva inclusiva de alfabetização e letramento que proporcione ao aluno, conviver com outros alunos da mesma faixa etária e possibilitar o aprimoramento de suas potencialidades sociais, cognitivas e emocionais (Bosa, 2017).

Compreende-se que uma escola para ser considerada inclusiva, ela precisa pensar na formação continuada de seus professores, para que eles sejam instrumentalizados para transformar sua prática educativa.

Nesse sentido, nota-se que a prática pedagógica é de suma importância, sendo necessário que os professores estejam cada vez mais preparados para trabalhar com as demandas inclusivas.

Esta pesquisa organiza-se em três etapas, na primeira etapa realizou-se uma pesquisa bibliográfica sobre o TEA e processo de alfabetização de alunos diagnosticados inseridos na rede regular de ensino fundamental, a fim de fundamentar os estudos e aprimorar o conhecimento. A etapa seguinte refere-se à pesquisa de campo, do tipo exploratório utilizando como instrumento uma entrevista semiestruturada aplicada aos professores da Rede Municipal de Ensino de Paulo Frontin-PR, com o objetivo de identificar as concepções e os desafios do corpo docente sobre o processo de inclusão. A terceira etapa consiste em elaborar uma proposta de formação continuada a ser aplicada durante o ano letivo de 2024, atendendo aproximadamente 30 professores da Rede Municipal de Ensino de Paulo Frontin, caracterizando-se como uma reflexão sobre os dados coletados, contextualizando o processo de inclusão na perspectiva da historiografia da educação, evidenciando a importância da efetivação das Políticas Públicas de inclusão no âmbito escolar. Esta formação continuada tem o intuito de fazer uma análise dos contextos educativos e princípios de uma Educação Inclusiva, buscando ainda promover ações reflexivas na busca de metodologias inovadoras do ensino inclusivo em colaboração com professores das turmas do ensino comum, e assim, identificar as concepções dos professores alfabetizadores e suas práticas no processo de alfabetização dos alunos com TEA. O projeto encontra-se em andamento, com as etapas em pleno desenvolvimento. Com base nas informações obtidas até agora tem-se a intenção de obter resultados relevantes no que diz respeito ao processo de alfabetização dos alunos com TEA.

Fundamentação teórica

Promover a inclusão é abraçar as diferenças, trabalhar em equipe e possibilitar ao aluno uma aprendizagem significativa. Neste sentido, o educador tem papel fundamental no processo de inclusão, pois, deve ter um olhar reflexivo para as necessidades do aluno com TEA e focar em suas potencialidades para que de fato seja incluído no processo de ensino e aprendizagem.

Segundo Cordioli *et al*, (2017) “O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um dos transtornos do neurodesenvolvimento mais prevalentes na infância”. Para o autor, este transtorno compromete dois domínios centrais: “[...] 1) déficits na comunicação social e interação social e 2) padrões repetitivos e restritos de comportamento, interesses ou atividades[...]” (Cordioli *et al*, 2017). Seu diagnóstico pode acontecer já nas primeiras etapas

de sua vida, através de um teste de triagem, o qual diagnosticado precocemente e tratado por uma equipe multidisciplinar favorece o seu desenvolvimento social, comunicativo, cognitivo e afetivo.

As principais características ligadas ao Transtorno do Espectro Autista aparecem com evidência na primeira fase da infância, como:

atraso no desenvolvimento da fala, dificuldade na interação com seus pares ou familiares, irritação em locais cheios ou barulhentos, fascínio por objetos incomuns, estereotipia vocal e motora, ausência das interações sociais, onde se precisa seguir uma rotina, e comportamentos definidos” (APA, 2014, p.16)

De acordo com Bosa (2017) características notáveis do Transtorno do Espectro Autista como dificuldade das crianças em fixar o olhar durante situações sociais peculiaridades dos gestos caracterizados por estereotipias, dificuldade ou até mesmo a ausência da fala, podendo ainda apresentar “isolamento físico, timidez ou rejeição do contato humano, mas caracteriza-se, sobretudo, pela dificuldade em manter contato afetivo com outros de modo espontâneo e recíproco” (Bosa, 2017).

Em 2014, o DSM 5- Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, trouxe uma definição mais completa em relação ao TEA, mas com características que permeiam todos os documentos citados, sendo considerado assim o documento referência até o momento sobre o TEA. Assim, o manual destaca:

Déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, conforme manifestado pelo que segue, atualmente ou por história prévia: 1. Déficit na reciprocidade socioemocional, variando, por exemplo, de abordagem social anormal e dificuldade para estabelecer uma conversa normal a compartilhamento reduzido de interesses, emoções ou afeto, a dificuldade para iniciar ou responder a interações sociais. 2. Déficit nos comportamentos comunicativos não verbais usados para interação social, variando, por exemplo, de comunicação verbal e não verbal pouco integrada a anormalidade no contato visual e linguagem corporal ou déficits na compreensão e uso gestos, a ausência total de expressões faciais e comunicação não verbal. 3. Déficit para desenvolver, manter e compreender relacionamentos, variando, por exemplo, de dificuldade em ajustar o comportamento para se adequar a contextos sociais diversos a dificuldade em compartilhar brincadeiras imaginativas ou em fazer amigos, a ausência de interesse por pares (DSM 5, 2014, p.50).

Neste sentido, Almeida (2020) descreve que os documentos formais focam em uma triagem das características do TEA: Disfunções sociais, disfunções da linguagem e disfunções comportamentais, sendo considerados como um transtorno do neurodesenvolvimento, podendo ainda apresentar comorbidades, como: Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade

(TDAH), apraxias, comprometimento intelectual. Pode-se dividir-se em graus, leve, moderado e severo. “Ademais, pode ser categorizado em: o autismo infantil, o autismo atípico, a síndrome de Rett, a síndrome de Asperger, o transtorno desintegrativo da infância e o transtorno geral do desenvolvimento não especificado” (Almeida, 2020).

Existem grandes marcos importantes que se destacaram durante a trajetória da Educação Especial, mais especificamente ao que se refere à garantia do direito a uma aprendizagem saudável para alunos diagnosticados com TEA. Em 27 de dezembro de 2012, foi aprovada a Lei nº 12.764, que estabeleceu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista TEA, a qual apresenta a pessoa com TEA como pessoa com “deficiência” para todos os efeitos legais - Art. 1º, § 2º (Brasil, 2012). Sendo assim, todos os direitos adquiridos até então para alunos da educação especial passam a vigorar para alunos com TEA.

A inclusão escolar está relacionada à atenção personalizada, ou seja, adaptada às necessidades de cada educando, procurando oferecer todas as oportunidades necessárias para o desenvolvimento integral de todas as crianças (Lemos, Salomão, Aquino, & Agripino-Ramos, 2017). Diante do exposto, o acesso e a permanência de alunos com TEA no ensino implicam na construção de um vínculo entre o professor, aluno e família, buscando assim uma relação que possibilita a preparação de táticas de ensino em benefício da aprendizagem do aluno e da turma.

Neste sentido Cunha (2019), descreve que o professor necessita “analisar de forma crítica a capacidade sensorial, espacial, simbolização, subjetividade, cognição, hiperatividade, estereotípias, socialização, psicomotricidade e afeto desse discente”, para assim elaborar estratégias significativas que promovam aprendizagem dentro do espectro.

É fundamental estruturar a rotina da criança, mudanças devem ser trabalhadas com antecedência, pois podem influenciar em seu comportamento. De acordo com Brito (2017) o aluno com TEA, precisa ser instigado a expressar seus sentimentos e potencialidades, as atividades devem ser lúdicas, sempre buscando estimular a participação do aluno.

No que diz respeito à alfabetização, é importante que se atente para os pilares fundamentais, conforme Nascimento (2016):

[...] para a alfabetização de alunos autistas deixar de ser utopia ou casos isolados de apropriação da Língua Portuguesa, são necessários que alguns pilares fundamentais sejam apropriados pelos professores, como: a transformação da atitude docente em professor-pesquisador para o ensino de alunos autistas; a compreensão de que a prática pedagógica precisa ser organizada por método de ensino; a definição e utilização de materiais

didáticos acessíveis para alunos autistas; adquirir, além dos conhecimentos básicos referentes aos conteúdos pedagógicos a serem ensinados, conhecimentos de Psicologia Comportamental e funcionamento cerebral. (Nascimento, 2016, p. 65)

O processo escolar de crianças com Transtorno do Aspecto Autista necessita incluir muitas habilidades sociais, visuais, comportamentais e de rotina, onde estas estratégias são de extrema importância para que a criança com TEA desenvolva suas habilidades cognitivas e sociais, além de alçar o bem-estar psicológico da criança e da família (Brito, 2017).

Nessa mesma direção, Santos (2018), afirma que:

Identificar os interesses dos alunos autistas, o que lhes chama a atenção, servirá bastante para que o professor possa planejar as suas intervenções pedagógicas. Pois, é preciso relacionar os afetos dos alunos com as estratégias utilizadas nos planos de aula, para que a aprendizagem possa ser construída com sucesso (Santos, 2018, p. 346).

Para que a inclusão seja efetiva, Menezes (2014) salienta que é necessário um planejamento adequado, respeito à todas as características do aluno com TEA, sendo o mesmo fundamentado em três princípios: “Conhecer e estudar as características comuns do aluno; definir a forma de atendimento educacional a ser ofertado com turma comum; desenvolver estratégias adequadas de atuação pedagógica em sala de aula, respondendo às necessidades educacionais especiais de alunos com autismo”.

A prática pedagógica do professor para alfabetizar aluno com TEA deve ser organizada em alguns princípios, primeiramente é necessário conhecer as características diagnósticas do transtorno, para assim compreender o perfil do aluno. Alunos com TEA costumam apresentar dificuldades na interação social, comunicação, podendo apresentar ainda comportamentos estereotipados e repetitivos, que podem variar de intensidades, topografia e frequência. Neste sentido é fundamental que o educador tenha conhecimento sobre as características do aluno e do TEA a fim de favorecer sua prática pedagógica (Faria *et al.* 2018).

Para Aporta e Lacerda (2018) o professor de uma turma com alunos incluídos com TEA precisa entender a sua relação com seus alunos, bem como a relação entre eles, para assim conseguir desenvolver metodologias que favoreçam a aprendizagem da turma como um todo, promovendo assim uma interação mútua dos alunos, respeitando as especificidades de cada um, “quando o professor conhece seu aluno, pode criar uma estratégia para desenvolver novas habilidades, o que não precisa estar previamente programado, mas pode ser construído no cotidiano” (Aporta e Lacerda, 2018).

O reforço positivo favorece a aquisição de questões básicas, como higiene com o corpo, organização, interação com os colegas de sala, aprendizado de conteúdo, rotina, realização das atividades. Já Belisário (2017) ressalta a importância da flexibilidade do trabalho durante o processo de alfabetização para crianças com TEA, na qual as intervenções pedagógicas devem se estruturadas em aspectos de ensino e aprendizagem, que promovam a estimulação dos campos do desenvolvimento cognitivo, promovendo a familiarização ao ambiente, domínio da rotina escolar, proporcionando vínculo e estratégia de comunicação.

Para Soares (2020) o processo de alfabetização e letramento são processos diferentes, mas inseparáveis, “embora se diferenciem quanto às habilidades cognitivas que envolvem e, conseqüentemente, impliquem formas diferentes de aprendizagem, são processos simultâneos e interdependentes” (Soares, 2020).

Caldeira da Silva (2017) ressalta que cada autista tem suas características, sendo assim na aprendizagem também, cada criança aprende no tempo dela e de formas diferentes, o professor deve estar preparado para desenvolver algumas estratégias específicas com estes alunos no processo de alfabetização como: trabalhar a consciência fonológica por meio de rimas e aliterações, escolhendo palavras que terminam com o mesmo som em músicas, poemas e frases; Os comandos verbais são muito importantes para os autistas, quando associados à recursos visuais, potencializam a aprendizagem.

Uma das características, presente nos alunos com TEA é um *hiperfoco*, ou seja, a imersão completa em determinado assunto ou interesse, pode favorecer o trabalho do professor, pois, pode usar este interesse como importante recurso para favorecer sua atenção e aprendizagem nos componentes curriculares e nas atividades propostas. É necessário avaliar as características da criança, pois cada uma é única, podem ter dificuldade em escrever devido a alterações na coordenação motora fina e hipotonia, alunos não precisam necessariamente usar letra cursiva, mas pode utilizar a letra bastão, letra cursiva não é uma regra.

Gaiato (2018) ressalta a importância em atentar-se na apresentação dos materiais para os alunos autistas, os recursos devem ser coloridos, porém não devem ser cheios de detalhes, pois o aluno pode perder o foco, isso acontece devido ao processo cognitivo, podendo ficar preso aos detalhes e não realizar o objetivo da atividade. Outro aspecto a ser destacado é o cuidado no envolvimento de atividades com pontilhados, muito recorrentes no processo de alfabetização, mas que favorecem ao aluno com TEA ficar atento apenas para alguns daqueles pontilhados e tenha dificuldade de entender o todo daquela letra.

Pautando-se sob esse olhar, é necessário que possamos analisar o contexto educativo no qual estamos inseridos, refletindo as nossas práticas para que elas de fato assegurem acesso e permanência dos alunos com deficiência.

Metodologia

A efetivação da pesquisa se desenvolve por meio de suporte teórico de livros, artigos, dissertações e teses na área da Educação Inclusiva e autismo, fazendo uma analogia com a formação docente continuada, organizando uma proposta pedagógica a partir das demandas para a formação continuada em uma perspectiva inclusiva no Município de Paulo Frontin.

Esta pesquisa se caracteriza por abordagem qualitativa. De acordo com Gerhardt e Silveira, “A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (Gerhardt e Silveira 2018)

A característica da pesquisa adotada é exploratória, que se caracteriza por objetivar obter maior familiaridade com um problema, conforme Prodanov e Freitas (2018) definem, “possui planejamento flexível, o que permite o estudo sob diversos ângulos e aspectos. Em geral, envolve: - levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado”.

A proposta de trabalho foi organizada em três etapas. Na primeira etapa realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre o TEA e processo de alfabetização de alunos diagnosticados inseridos na rede regular de ensino fundamental, a fim de fundamentar os estudos e aprimorar o conhecimento.

Após a construção do arcabouço teórico procedeu-se a coleta de dados no qual, por meio de uma entrevista semiestruturada com os professores da Rede Municipal de Ensino de Paulo Frontin – PR, procurou-se identificar os anseios e as características da escola para assim realizar a elaboração uma proposta formativa continuada apresentando as concepções e fragilidades observadas pelos docentes municipais.

Atualmente o município possui ativas três escolas de Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano, localizadas no interior e distinguidas como do campo, que atendem aproximadamente 300 alunos e contam com um quadro de 30 professores, dentre estes temos 10 professores alfabetizadores que atendem quatro alunos com TEA matriculados.

Todos os professores que compõem o quadro de alfabetização, ou seja, professores que atuam no 1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental das escolas municipais do campo foram

convidados a participar da pesquisa, devido ao fato dos alunos incluídos com TEA fazerem parte das turmas. Eles hoje estão matriculados na turma de uma determinada professora, porém em anos anteriores já foram de “outros docentes”, e podem futuramente vir a ser de “outros docentes”.

Assim será possível tabular os dados dos docentes anteriores e atuais dos alunos atendidos, bem como com os futuros docentes, estabelecendo assim uma teia de informações.

Resultados e Discussão

Um dos grandes desafios dentro do processo de alfabetização de alunos com TEA é a socialização e a comunicação, procedimentos estes indispensáveis para o processo de alfabetização. Sendo assim o docente necessita buscar inúmeras alternativas de vínculo e comunicação com o aluno com TEA.

O professor precisa ter concepção do conhecimento em suas múltiplas dimensões, sendo capaz de estabelecer uma relação entre as teorias educacionais com sua prática escolar para subir as necessidades dos seus alunos, é um processo arduo, pois trabalhamos com inúmeros alunos em sala de aula, e cada aluno tem um potencial diferente para aprender, ou seja, a mesma técnica pode não suprir a demanda de todos os alunos. Assim, o desafio que se coloca ao docente durante o processo de alfabetização de alunos com TEA não é uma tarefa fácil, construir uma relação teórico/prática é uma prática complexa, que exige estudo permanente, dedicação, flexibilização no currículo e afinidade afetiva e emocional com os alunos.

As etapas até aqui concluídas nos permite afirmar que os professores estão conscientes da complexidade do processo de alfabetização dos alunos com TEA, no entanto, compreendem que a inclusão destes estudantes é essencial para que os resultados sejam mais positivos e que a presença deles na escola comum permite não só o avanço na aprendizagem destes sujeitos, mas também beneficia todos os alunos envolvidos, por beneficiarem-se com práticas mais inclusivas e significativas.

Considerações finais

Neste trabalho, dedicamo-nos a estudar sobre o processo de alfabetização e letramento de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo/TEA matriculados no ensino fundamental regular.

A pesquisa teórica realizada nesta primeira etapa evidenciou que a prática pedagógica é de suma importância, e os professores necessitam estar cada vez mais preparados para trabalhar com as demandas inclusivas.

O processo de alfabetização é complexo, para alunos com autismo tornando-se ainda mais desafiador para o docente, o qual deve investir em metodologias lúdicas, interativos e que estimulem a curiosidade e a atenção do aluno com TEA.

Evidenciamos ainda a importância de uma relação clara e objetiva entre o docente e o aluno, voltando-se às necessidades de cada estudante, assegurando o acesso de todos ao currículo/conhecimento.

Por tratar-se de uma pesquisa em andamento, as etapas ainda não foram concluídas. Espera-se que com os resultados alcançados, seja possível contribuir para práticas mais inclusivas, que assegurem não só o acesso à escola comum, mas também a permanência com sucesso, de modo especial no que diz respeito à alfabetização e letramento.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

APORTA, A.; LACERDA, C. B. F. (2018). **Estudo de Caso sobre Atividades Desenvolvidas para um Aluno com Autismo no Ensino Fundamental I**. Revista Brasileira de Educação Especial, número 24, p.45-58.

ALMEIDA, D. A. **Autismo e Educação: O processo inclusivo de aluno autista nos anos iniciais do ensino fundamental**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade Pitágoras, Ipatinga, 2020.

BELISÁRIO JÚNIOR, J. F.; CUNHA, P. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: transtornos globais do desenvolvimento**. Fortaleza: Editora da Universidade Federal do Ceará, 2017.

BRASIL. Lei Federal nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. **Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 28 dez. 2012.

BOSA, C. **Autismo: intervenções psicoeducacionais**. Brazilian Journal of Psychiatry, vol. 28, 2006, p. 47-53.

BRITO, M. C. **Estratégias práticas de intervenção nos transtornos do espectro do autismo**. Ebook: Saber Autismo, 2017. Disponível em: < <http://www.mariaclaudiabrito.com.br> Acesso em: 28 maio. 2023.

CALDEIRA DA SILVA, P. et al. **Programa clínico para o tratamento das perturbações da relação e da comunicação, baseado no Modelo D.I.R.** Aná. Psicológica, Lisboa, v. 21, n. 1, p. 31-39, jan. 2017.

CORDIOLI, A, Kieling C, Silva C, Passos I, Barcellos M. **Transtorno do espectro autista.** In: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM5. 6 ed. Porto Alegre: Artmed. 2017; 50-92.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família.** Rio de Janeiro: Gerente, 2019.

Faria K. T.; Teixeira M. C. T. V.; Carreiro L. R. R.; Amoroso V.; Paula C. S. . **Atitudes e práticas pedagógicas de inclusão para o aluno com autismo.** *Revista Educação Especial*, 31(61), 353-370, 2018.

GAIATO, Mayra. **S.O.S Autismo: guia completo para entender o Transtorno do Espectro Autista.** 3.ed. São Paulo: Versos, 2018.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2 ed. 2018.

LEMOS, E. L, M. D.; Salomão, M. N. R.; Aquino, F. S. B.; Agripino-Ramos, C. S. **Concepções de pais e professores sobre a inclusão de crianças autistas.** *Revista de Psicologia*, 28(3), 351-361, 2018

MENEZES, A. R. S. de. **Inclusão escolar de alunos com autismo: quem ensina e quem aprende?** 160f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

NASCIMENTO, G. S. R. do. **Método de Alfabetização para Alunos Autistas (MAPA): Alternativa da Clínica- Escola do Autista,** 2016, 122f, Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** Novo Hamburgo: Feevale, 2018.

SANTOS, A. T. S. S. et al. **Possibilidades e desafios da alfabetização: relato de experiência de uma docente dos anos iniciais do ensino fundamental.** Disponível em <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2018/TRABALHO_EV110_MD1_SA16_ID1930_25072018101317.pdf> Acesso em: 12 nov.2023.

SOARES, M. **Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever.** São Paulo: Contexto, 2020.

Submissão: 27/03/2024. Aprovação: 18/04/2024. Publicação: 18/04/2024